

PODCAST: DESIGUALDADES CORPORIFICADAS NO ANTROPOCENO

EPISÓDIO 6: “Justiça Reprodutiva Ambiental”

00:00:00 Laura Montesi: Desigualdades Corporificadas do Antropoceno. Construindo competências em antropologia médica. Uma série de podcasts que analisa os impactos na saúde humana e não-humana dessa época geológico-política de profundas transformações.

00:00:21 Jennie Gamlin: Bem-vindos a este episódio de Desigualdades Corporificadas do Antropoceno, um espaço dedicado a explorar a saúde e o bem-estar das sociedades humanas e não humanas nesse novo período geológico. Este podcast é uma colaboração internacional entre universidades do Reino Unido, México e Brasil. Nesta série, exploraremos a área de pesquisa de especialistas envolvidos em temas relacionados a este projeto, incluindo as experiências e as ontologias indígenas e a colonialidade do Antropoceno; o gênero, a reprodução e a justiça ambiental; a etnografia multiespécies e a saúde humana-animal; a COVID-19, as epidemias, as pandemias; a compreensão pública do Antropoceno, e a toxicidade e a exposição química.

Então, para esse propósito, convidamos Katie Dow e Julieta Chaparro. Katie é uma pesquisadora independente que atualmente trabalha com *net zero* no governo. Anteriormente, ela trabalhou como pesquisadora associada sênior na University of Cambridge e foi vice-diretora do Grupo de Pesquisa de Sociologia Reprodutiva de lá. A especialidade em pesquisa de Katie está nas interseções entre as preocupações ambientais reprodutivas e o ativismo, e na ética e política das tecnologias reprodutivas. Ela tem publicada numa variedade de periódicos e publicou sua monografia *Making a Good Life*¹ com a Princeton University Press.

Julieta é uma *fellow* de início de carreira do Wellcome Trust no Departamento de Sociologia da University of Cambridge. Seu trabalho questiona como as condições coloniais atuais influenciaram a vida reprodutiva de camponesas e mulheres indígenas no Peru. Isso inclui examinar os impactos de programas agressivos de controle populacional e a exposição química por meio de indústrias extrativas. Atualmente, ela está concluindo um manuscrito de livro examinando os casos de esterilização forçada no Peru que ocorreram durante a década de 90, intitulado *Decolonising Reproductive Rights in Latin America*².

Eu sou Jenny Gamlin. Sou professora associada de Antropologia e Saúde Global no Institute for Global Health da UCL e conduzirei esta entrevista. Então, bem-vindas, Julieta e Katie, a essa sessão de podcast. Nós estamos muito felizes que vocês duas possam se juntar a nós e animados com

¹ “Construindo uma boa vida: uma etnografia da natureza, ética e reprodução”. Dow, K. (2024) *Making a Good Life: An Ethnography of Nature, Ethics, and Reproduction*. Princeton University Press.

² “Descolonizando os direitos reprodutivos na América Latina”. Chaparro, J.; Dow, K. (aguardar publicação) *Decolonising Reproductive Rights in Latin America*.

esta conversa. Nós gostaríamos de começar com você, Katie. Você acha que poderia começar explicando o que é a justiça reprodutiva ambiental, explicando especificamente as conexões entre o meio ambiente e a reprodução?

00:02:33 Katie Dow: Muito obrigada, Jenny. É ótimo estar aqui. Então, talvez nós possamos começar com a justiça reprodutiva e a justiça ambiental. Então, a justiça reprodutiva foi desenvolvida por acadêmicas e ativistas feministas indígenas e racializadas nos EUA, com o objetivo de expandir as noções de direitos reprodutivos. E tem três pilares que são o direito de ter um filho, o direito de não ter um filho, e o direito de criar os filhos em ambientes saudáveis. A justiça ambiental foi desenvolvida de forma semelhante por comunidades e ativistas mais pobres e racializadas nos EUA, e eles estavam protestando e destacando as desigualdades de como os riscos e as degradações ambientais são distribuídos.

Então, a justiça reprodutiva ambiental, como o nome sugere, une essas duas. Mas também tem uma história distinta, e muitas pessoas a datam da parceira e pesquisadora Mohawk Katsi Cook, que propôs a justiça reprodutiva ambiental nos anos 2000. Então, ela escreveu um artigo chamado “Women are the first environment”³ e nele ela diz, “porque nossos bebês amamentados estão no topo da cadeia alimentar, eles herdaram uma carga corporal de contaminantes industriais do nosso sangue por meio do nosso leite. Assim, nós somos parte do aterro sanitário, colonizados” – o que eu acho que é uma declaração realmente muito poderosa. A erudita de ecologia feminista e queer Noel Sturgeon também propôs a justiça reprodutiva ambiental, ou a JRA, na mesma época. E Sturgeon também se baseia em estudos indígenas, mas não cita Cook, então presumivelmente não estava ciente de seu trabalho na época. Mas de qualquer forma, as duas formulações são muito semelhantes, e eu acho que são muito complementares.

Então, para mim, a JRA é uma estrutura para entender as interações complexas entre a saúde ambiental e planetária, e a saúde reprodutiva e infantil, e como elas são estruturadas pelos legados do colonialismo e do desenvolvimento capitalista, como a agricultura industrializada, a racialização e outras formas de injustiça. E eu acho que a JRA também nos ajuda muito a elaborar o terceiro pilar da justiça reprodutiva: o direito de criar os filhos em ambientes saudáveis. Eu acho que é uma maneira muito útil de ir além do individualismo e da chamada retórica baseada em escolhas, muito organizada em torno da reprodução e do meio ambiente, na verdade, particularmente o tipo de ativismo que geralmente é mais visível por atores de elite brancos de classe média, como eu. E isso é muito importante porque chama a atenção para a injustiça, mas também tem a intenção de empoderar as comunidades marginalizadas e as maneiras pelas quais elas já estão respondendo a crises do meio ambiente e do clima. Então, não é, sabe, um tipo de forma de vitimização.

00:05:11 Jennie: Muito obrigada, Katie. Isso foi genial. E obrigada também por historicizar o conceito, eu não estava familiarizada com parte dessa história. Então, Julieta, com base no que

³ “As mulheres são o primeiro ambiente”. Cook, K. (1997) “Women Are the First Environment”. *Native Americas; Ithaca* 14(3):58.

Katie nos contou, você pode nos contar um pouco sobre por que é importante que nos envolvamos nessa intersecção do meio ambiente e da reprodução nesses tempos antropocênicos?

00:05:31 Julieta Chaparro: Bem, obrigada Jenny, por me convidar, é um prazer estar aqui hoje. Então, acho que essa pergunta é realmente indicativa de um interesse crescente nas interseções entre as questões ambientais e as questões relacionadas à reprodução, neste caso, como sua pergunta coloca, no contexto do Antropoceno. Mas eu também quero destacar que há outros desenvolvimentos socioeconômicos e políticos importantes, em particular no Sul Global, que também acenderam questões que olham para a interseção dessas duas.

Por exemplo, os conflitos armados e as indústrias extrativas, posso citar esses dois. Um exemplo disso seria um relatório emitido pelo Centro de Direitos Reprodutivos na Colômbia que documenta os efeitos do glifosato, que é um pesticida usado para erradicar as plantas de coca na parte sul da Colômbia, e os efeitos que o glifosato têm na vida reprodutiva das mulheres, especialmente as camponesas e indígenas. Então, sabe, essas questões estão conectadas ao Antropoceno, mas certamente têm suas próprias trajetórias históricas específicas que também têm influência na vida reprodutiva das pessoas.

Então, eu acho que a conexão entre o meio ambiente e a reprodução se torna muito clara quando vemos como a fertilidade se tornou meio que indicial ou indicativo das preocupações ambientais. E a questão é por quê? Por que a reprodução se tornou indicial disso. E por um lado é porque o dano ambiental realmente ameaça a vida, e seria uma de suas principais características, que é a capacidade de se reproduzir. Certo? Então, limitou a possibilidade de continuar a vida como a conhecemos e a maneira como ela está organizada no mundo agora. Então, podemos dizer que o Antropoceno é realmente uma crise da vida.

Mas eu gostaria de destacar que é uma crise de reprodução. É uma crise reprodutiva porque, como eu disse antes, ela ameaça a possibilidade de diferentes comunidades vivas continuarem vivendo neste planeta, certo? Katie já sugeriu isso, e nós também escrevemos naquele capítulo do livro que temos juntos; é que a questão da extinção que está intimamente relacionada ao Antropoceno é realmente o resultado da morte, mas também é o produto da falha reprodutiva de diferentes espécies. Certo? Então, considerando esse tipo de estrutura abrangente, a intersecção das questões ambientais e da reprodução realmente nos força a pensar sobre a reprodução numa configuração multiespécie; então não podemos pensar apenas sobre os efeitos do Antropoceno ou, digamos, o conflito armado ou as indústrias extrativas apenas na reprodução e na biologia humana, mas realmente na reprodução de todas as comunidades vivas e também pensar sobre a reprodução em suas dimensões social e cultural.

Por exemplo, na minha própria pesquisa no Peru, em Cajamarca, na parte norte do Peru, onde se localiza a maior mina de ouro, as pessoas expressaram preocupações sobre o bem-estar animal. Elas falam particularmente sobre as malformações fetais em animais, os abortos espontâneos em animais. Então isso tem repercussões importantes para as economias camponesas que dependem da criação de animais para sua sobrevivência. Então, há uma conexão importante acontecendo lá.

Mas também vemos essa conexão entre os humanos e outras comunidades vivas. Reprodução em pesquisas emergentes sobre a reprodução e o microbioma, por exemplo, isso é algo que está surgindo, e vemos essas conexões acontecendo. E também, as pesquisas que documentam o impacto das condições ambientais na reprodução humana, por exemplo, os efeitos dos poluentes na qualidade e quantidade do esperma, mas também o impacto dos fatores ambientais na saúde ovariana, por exemplo. Então, essas são as maneiras pelas quais podemos ver esses dois campos, meio que se sobrepondo e iluminando um processo interessante que, sabe, diferentes pesquisadores estão assumindo.

00:09:27 Jennie: Muito obrigada a vocês duas. Sabe, essa foi uma explicação muito ampla e completa. E está realmente super claro como isso não é importante apenas agora, mas daqui para frente, vai se tornar cada vez mais importante em muitas áreas da vida no futuro. Então, começando com Katie, gostaríamos muito que você pudesse nos contar brevemente sobre como suas trajetórias de pesquisa, bastante diferentes, moldaram como você chegou a questões sobre a justiça reprodutiva ambiental?

00:09:55 Katie: Sim. Então, para mim, isso realmente surgiu da minha pesquisa. Eu não fui meio que procurar por isso. Eu fiz uma pesquisa etnográfica para meu doutorado sobre a ética reprodutiva e como as pessoas fazem julgamentos éticos sobre a reprodução assistida. E eu fiz trabalho de campo na Escócia rural. E eu fui e fiquei muito interessado nas ideias sobre a natureza com n minúsculo e com N maiúsculo, mas lá na Escócia, no lugar onde eu estava fazendo meu trabalho de campo, as pessoas estavam interessadas na natureza de maneiras bem específicas. Então, por exemplo, as pessoas estavam muito interessadas na conservação de cetáceos. E havia uma população local de golfinhos, que as pessoas sentiam ser, sabe, uma parte realmente importante do contexto de lá, uma razão importante para estar lá, algo que tornava o lugar especial. E como acontece frequentemente com as baleias e os golfinhos, eles também estavam muito interessados na degradação ambiental de forma mais ampla e nas mudanças climáticas, e envolvidos no ativismo ambiental.

Então, isso meio me levou a pensar sobre o que natureza e naturalidade significam na ética reprodutiva – quando a natureza também é algo muito tangível lá fora, quando significa uma paisagem específica e um encontro com outras espécies e uma maneira de pensar sobre o mundo, que é mais multiespécies, e é, tipo, menos centrado no ser humano. E no começo eu meio que lutei para conciliar o que pareciam ser questões diferentes: a reprodução e o meio ambiente. E isso foi reforçado por muitas reações à minha pesquisa, mas eu meio que continuei a insistir com isso e continuei a destrinchar essas conexões. E isso realmente se tornou um enquadramento vital para minha pesquisa desde então. E, sabe, é muito bom ver como o tópico vem gradualmente ganhando saliência. Bem, é bom para mim pessoalmente em termos de validar minha pesquisa, mas obviamente não é bom em termos do que indica sobre a situação em que estamos, de forma mais ampla.

E então, sabe, os ouvintes podem estar cientes de que houve um aumento nas tensões para a tomada de decisões reprodutivas em relação às mudanças climáticas, particularmente em lugares

como o Reino Unido. Mas eu acho que precisamos seguir o exemplo da Katsi Cook e olhar mais amplamente. E como a Julieta estava dizendo também, como as interseções entre a reprodução, o meio ambiente e as injustiças em torno disso refletem como nós, como uma espécie, somos dependentes de outras espécies. Então, nós precisamos pensar sobre, sabe, como cultivamos alimentos e o cuidado infantil, juntamente com toda a retórica sobre as crianças e as gerações futuras em campanhas climáticas, que pode ser muito eficaz, mas também está potencialmente ainda empurrando as coisas para o futuro e pode realmente atrasar a ação.

00:12:31 Jennie: Muito obrigada, Katie. Julieta, gostaríamos muito de ouvir de você também.

00:12:36 Julieta: Eu cheguei às questões do meio ambiente de forma diferente. Então, eu estava fazendo minha pesquisa de doutorado sobre esterilização forçada no Peru. Isso aconteceu na década de 90, visando principalmente as mulheres indígenas e da classe trabalhadora em todo o país. E eu estava entrevistando sobreviventes na parte norte do país, em Cajamarca. E, sabe, na época estava ouvindo sua própria gramática reprodutiva em torno da violência reprodutiva. Então, as pessoas falando sobre como elas vivenciaram essa sensação de debilidade ou fraqueza física como o resultado da esterilização.

E eu também estava ouvindo nas conversas cotidianas com as pessoas na região, todas essas preocupações em torno dos impactos das indústrias extrativas. Então, eu acho que vale a pena mencionar que Cajamarca abriga a maior mina de ouro da América do Sul. Ela foi inaugurada em 1990, realmente como a transformação da economia peruana e a abertura do setor de mineração para investimentos privados. Então, essa mina foi realmente a primeira que orientou toda essa transformação na economia peruana, mas também a transformação na economia da região. Essa era principalmente uma economia a base da agricultura, e mudou para a extrativa – principalmente a extração de ouro e cobre. E as pessoas estavam reclamando, sabe, dos impactos de estar constantemente expostas a produtos químicos como resultado da extração dessas matérias-primas da Terra. Especialmente as mulheres sempre expressaram suas preocupações, falando sobre como elas vão alimentar seus filhos agora que, por exemplo, a produção de alimentos diminuiu como resultado da contaminação de fontes de água, mas também preocupações sobre alimentar seus filhos e seus animais também com alimentos que são potencialmente contaminados. E isso também tem consequências mais amplas, como eu disse antes, para a economia local. Cajamarca tem uma grande economia de laticínios, então a produção de queijo, de iogurte, de produtos à base de leite. E então há uma preocupação crescente sobre o que acontece com esses produtos, com animais que são expostos a produtos químicos. Então, eu comecei a ouvir essas narrativas, e isso me fez ficar interessado em pensar sobre o extrativismo e a reprodução juntos. E foi assim que cheguei a esse projeto que estou desenvolvendo atualmente, aqui em Cambridge.

00:15:03 Jennie: Muito obrigada a vocês duas. Quero dizer, entre vocês duas, vocês mencionaram tanta diversidade de temas. Então, sabe, os diferentes contextos da Escócia ao Peru, os microbiomas, assuntos atuais no Reino Unido. E Julieta, em outro momento, eu vou perguntar mais sobre sua pesquisa porque ela parece realmente incrível. Mas nós queríamos perguntar

agora se você poderia [dizer], só um pouquinho mais, sobre o artigo que vocês escreveram sobre a justiça reprodutiva ambiental, onde vocês criticam o foco individual na agência e na responsabilidade como respostas aos impactos de exposições tóxicas na reprodução e na assistência reprodutiva. Então, no artigo, vocês também contrapõem noções de personalidade individual em resposta às dimensões da toxicidade que são coletivas humanas e mais do que humanas, onde a exposição e o gerenciamento de exposições se tornam, na verdade, mais um problema coletivo. Então, você poderia dar aos nossos ouvintes exemplos práticos de por que pensar sobre a agência e a responsabilidade individuais é, na verdade, inadequada ou ambígua em termos da compreensão dos problemas reprodutivos ambientais? Quero dizer, por exemplo, por que precisamos pensar mais em termos de efeitos coletivos, de respostas coletivas e até mesmo parentesco químico ao falar e tratar desses problemas em relação à justiça reprodutiva ambiental?

00:16:16 Julieta: Bom, eu acho que essa é uma questão muito importante, porque a estrutura da responsabilidade individual tem estado na vanguarda das respostas à contaminação e poluição ambiental. Uma parte dessa questão é reconhecer o fato de que os corpos, os ambientes, as gerações são todos inter-relacionados. Então, isso realmente define essa premissa ontológica do isolamento e separação individual. Mas também define a ideia de que os nossos corpos existem num vácuo, nossos corpos têm sucesso como entidades flutuantes que não têm conexão com outras partes do nosso ambiente. E acho que isso é algo que diferentes acadêmicos já disseram, que os nossos corpos são porosos, que estamos emaranhados uns com os outros. Então, sabe, nós precisamos começar a abordar essa premissa ontológica no pensamento ocidental.

Mas a ideia dessa conexão se torna ainda mais clara quando pensamos na ubiquidade da exposição química. Certo? Ainda, essa ideia também lança dúvidas sobre a saúde como uma entidade individual, como algo que podemos proteger quando agimos, e podemos garantir que nossa existência esteja segura. E ainda assim, apesar de tudo isso, sabemos que as respostas à exposição química e aos danos ambientais se concentraram principalmente no indivíduo e nos seus comportamentos. Então, o objetivo é realmente controlar o que comemos, por exemplo, o que compramos, o que tocamos como uma medida para evitar ser poluído. E acho que essa é uma estrutura muito atraente porque dá às pessoas uma sensação de agência e controle sobre algo que parece ser tão avassalador e onipresente em nossas vidas. Então, se você consegue controlar a comida que tem, ou se controla o tipo de roupa que veste, vestindo algodão orgânico, todas essas coisas lhe dão uma sensação de controle em algo que parece ser incontrolável ou algo que está fora do nosso alcance.

Mas sabemos que realmente isso é um desencontro. E aqui estou usando as palavras de Max Liboiron em “Pollution is Colonialism”⁴, onde eles dizem que essa estrutura individual para abordar os problemas e as preocupações ambientais é realmente um desencontro escalar, porque temos um problema planetário que realmente não pode ser abordado através do indivíduo. Certamente, há coisas que você podia fazer para prevenir coisas, mas não é a solução, certo? Isso realmente não aborda o problema. Então, o que precisamos fazer é realmente recalibrar essas

⁴ “Poluição é colonialismo”. Liboiron, M. (2021) *Pollution Is Colonialism*. Durham: Duke University Press.

escalas, certo? Para interrogar quais são as relações históricas que tornam os produtos químicos onipresentes na vida das pessoas, causando tantos danos, mas também onipresentes em geral em nossos ambientes?

Mas também isso é, eu acho, uma parte importante aqui, de não perder o paradeiro das disparidades racializadas de exposição. Isso não significa que, porque estamos todos emaranhados e todos vivemos neste mundo, nossas vulnerabilidades são igualmente compartilhadas. Isso não é verdade e isso é algo que vários acadêmicos já destacaram. E nós vemos isso particularmente proeminente quando olhamos para pedras extrativas, por exemplo, vemos que essas zonas geralmente estão localizadas em territórios e terras de comunidades indígenas e camponesas. Nós vemos que há uma disparidade clara em como a exposição química é distribuída entre as linhas raciais e de classe.

E eu também quero destacar: então, se temos essa preocupação planetária e as respostas individuais são inapropriadas, então as respostas coletivas são realmente a maneira pela qual podemos imaginar futuros que podem nos ajudar a sobreviver em meio à contaminação. E aqui, por exemplo, eu quero destacar o trabalho que vejo em Cajamarca, particularmente o trabalho das patrulhas de mulheres camponesas, o trabalho que elas fizeram, por exemplo, em 2012 para impedir a expansão da maior mina de ouro da América do Sul. Então, havia uma intenção de expandir a mina e realmente foi uma ação coletiva que impediu que isso acontecesse. E o projeto foi interrompido e não está acontecendo neste momento. E realmente foi o resultado da mobilização política por parte das *“rondas campesinas”*, ou patrulhas camponesas. Mas elas também fazem, por exemplo, biomonitoramento de fontes de água, sabe, para que possam ajudar as pessoas a tomar decisões como de onde obter água, para cozinhar ou alimentar seus animais. Elas também têm viveiros de plantas. Então, sabe, esses esforços para reconstituir a vida. E eu acho que é isso que acontece quando o coletivo entra, é como se não vivêssemos apenas em um momento de ruína, mas também é uma possibilidade de reconstruir a vida. E eu acho que isso acontece quando os coletivos se unem em resposta aos danos ambientais.

00:21:02 Jennie: Muito obrigada, Julieta. Na verdade, vou apenas encaixar uma pequena pergunta espontânea aqui, que cabe no fim do que você estava dizendo, que é, como podemos desarticular esse foco individual no discurso de saúde pública e global?

00:21:17 Julieta: Como nós desarticulamos isso?

00:21:19 Jennie: Sim. Como nos afastamos desse foco individual, sabe, no discurso dominante?

00:21:24 Julieta: Uau. Essa é uma pergunta interessante. Acho que não é necessariamente se afastar, mas é reconhecer que isso pode fazer muito para o problema. Há coisas que você pode fazer no nível individual. Não há dúvidas sobre isso. Mas nós precisamos reorientar ou colocar as nossas energias em realmente fazer futuros coletivos e esforços coletivos para mudar o mundo em que vivemos. E isso também pode ser mais rápido com, por exemplo, políticas públicas que forneçam financiamento para os coletivos e grupos que lidam com danos ambientais. Estou pensando no viveiro de plantas,

por exemplo, se o governo peruano fornecer financiamento para expandir o viveiro de plantas e as pessoas fizerem isso coletivamente, então, sabe, provavelmente há respostas para isso que podem ser mais apropriadas para o tipo de problema que estamos enfrentando.

00:22:15 Jennie: Muito obrigada. Isso foi muito útil. Ok, então Katie, a última pergunta para você. Você poderia explicar aos nossos ouvintes como a justiça reprodutiva ambiental está relacionada mais amplamente ao nosso projeto, as Desigualdades Corporificadas do Antropoceno? E então, por exemplo, como ela se cruza com os outros temas do nosso projeto: as ontologias indígenas e a colonialidade do Antropoceno, a etnografia multiespécies e a saúde humana-animal, a COVID-19 e as pandemias, ou a compreensão pública do Antropoceno.

00:22:44 Katie: Bom. Então, quero dizer, eu apenas reiteraria o que Julieta acabou de dizer sobre o colonialismo, mas vale lembrar que a Katsi Cook, como membro de uma tribo indígena americana, estava atenta ao colonialismo desde o início. E então essa atenção ao colonialismo e seus legados está realmente meio que embutida na JRA. Mas, claro, é um tipo específico e legado de colonialismo no cenário indígena norte-americano. E estou muito interessado em ver como e se a JRA pode se traduzir através de diferentes contextos. Eu acho que pode. Mas eu acho que um fator-chave naquilo é que essa atenção ao colonialismo, a injustiça racial e as perspectivas de baixo para cima são mantidas, mas também desenvolvidas ainda mais nesses contextos específicos. Eu acho que, relacionado... Então, a Cook criou a JRA em resposta a um projeto de pesquisa participativa baseado na comunidade que ela liderou. Então, eu acho que também é muito proveitoso para nós, como pesquisadores, pensar sobre como também podemos levar os princípios da JRA para o design de pesquisa.

De forma mais ampla, alguns dos seus ouvintes podem estar cientes de que o próprio conceito do Antropoceno foi criticado por acadêmicos feministas e minoritários. Então, resumidamente, essas críticas se relacionam com a questão de quem é o Antropos no Antropoceno? E isso não é apenas sobre que tipo de imagem dos humanos que geralmente os acadêmicos de elite têm em mente quando pensam sobre a chamada humanidade, se eles estão sendo realmente honestos consigo mesmos, seria um cara branco de classe média? Mas também, que tipos de estilos de vida e os efeitos consequentes no meio ambiente têm esse humano arquetípico, e quão responsáveis são eles pela crise climática, e quanto poder eles têm para detê-la? Então, isso faz sentido? E é justo colocar todos os humanos neste Antropos, que parece muito destrutivo e voraz e tem uma relação muito particular com o meio ambiente? E claro, sabe, podemos querer pensar em múltiplos ambientes.

Além disso, se pensarmos nos humanos como “o problema”, como o conceito do Antropoceno implica, o que isso significa para a ação climática? Se estamos pensando no Antropoceno como indicativo de uma natureza humana definida, que é meio que determinada e destinada a destruir o planeta, então como e podemos parar de fazer isso? E isso é, sabe, na verdade, massivamente desempoderador e apocalíptico, creio eu. Então, alguns acadêmicos têm feito trabalhos realmente interessantes sobre isso e propuseram alternativas ao Antropoceno, como o Plantationoceno e o Capitaloceno. Pessoalmente, eu gosto bastante do Capitaloceno, se tivermos que ter um -ceno, o que é outra questão, porque acho que ele se concentra em algo mais específico do que os humanos

serem o problema. Mas culpar o capitalismo pela crise climática, o que obviamente é simplificá-la um pouco, eu penso que ainda é amplo o suficiente para abranger o colonialismo e as interseções nas desigualdades de raça, gênero, capacitismo e classe que estão inextricavelmente ligadas e reproduzidas através das ideologias e práticas capitalistas.

E isso me leva de volta à JRA, em parte porque meu cérebro sempre volta para a reprodução, mas também porque, mais uma vez, precisamos lembrar da pesquisa original de Katsi Cook, como mencionei. E então, isso estava observando os efeitos dos PCBs [bifenilos policlorados] e outros contaminantes de uma antiga fábrica de automóveis da GM que vazavam para a água e o solo, onde o povo Mohawk vive, cultiva alimentos, pesca e cria suas famílias. E a Cook estava especificamente interessada no leite materno, pois, como ela disse, os humanos estão no topo da cadeia alimentar, mas também as toxinas, bioacumulam-se em tecidos como as glândulas mamárias. Então, todos nós sabemos que a amamentação é o começo mais saudável, mais natural e melhor na vida. Mas e se o seu leite materno estiver contaminado pelo escoamento literal do capitalismo? E eu acho que é tão poderoso pensar em como um momento tão formativo e vulnerável, quando uma criança está recebendo sua primeira nutrição e quando os pais estão conhecendo e cuidando de seus filhos pela primeira vez, é tão dilacerado por perigos e injustiças. E eu realmente não consigo pensar em uma desigualdade muito mais corporificada no Antropoceno.

00:26:58 Jennie: Muito obrigada, Katie. Isso é muito interessante. Quero dizer, estou fascinada pelas discussões em torno do Antropoceno, Plantationoceno, Capitaloceno. E acho que o conceito da colonialidade de ser também é, para mim, um verdadeiro ponto de partida para o que estamos falando, porque isso fala sobre como nós, seres humanos, vivemos neste planeta, engajamos com este planeta, qual é a nossa relação direta com a natureza e uns com os outros. E eu me pergunto se podemos fazer disso de alguma forma um -ceno, a colonialidade de ser. De qualquer forma, muito obrigada. Ok, então para fechar, Julieta seria ótimo ouvir de você. Uma última pergunta. Qual você acha que é a agenda de pesquisa mais urgente para a JRA daqui para frente?

00:27:40 Julieta: Bem, eu acho que estou falando, sabe, do meu próprio ponto de vista. E isso significa que, como uma antropóloga latino-americana na academia do Norte Global, eu acho que a questão do extrativismo é realmente importante. E a razão para isso é porque no contexto da transição energética e todas as discussões sobre energia limpa e mudança para carros elétricos, painéis solares e todo esse belo cenário no Norte Global, isso acontecerá às custas do meio ambiente e dos corpos das pessoas no Sul Global, principalmente onde as zonas de extração de lítio estão localizadas. Então, ouvimos falar recentemente sobre o Elon Musk, por exemplo, em conversas com o novo presidente argentino por causa de seu próprio interesse na extração de lítio para, sabe, a construção de seus carros elétricos. Então, eu acho que essa é uma nova dinâmica na história do extrativismo que será profundamente exacerbada e terá ainda mais impactos nas comunidades que foram historicamente afetadas por isso. Então, para mim, esse é um dos aspectos importantes, ou um dos horizontes para os acadêmicos da JRA focarem. Bom. Não sei se Katie tem algo a dizer.

00:29:10 Katie: Sim, na verdade eu tenho. Obrigada. E também, eu só quero dar um salve para

Julieta aqui, porque eu acho que o trabalho dela sobre o extrativismo e esse novo foco é tão importante e pelas razões que você acabou de dizer, Julieta. Então, eu tenho pensado bastante sobre lítio ultimamente. E, sabe, é difícil porque nós finalmente estamos tentando fazer algo. Nós – governos – estamos finalmente tentando fazer algo sobre a crise climática e tentando descarbonizar a energia. E é um ato de equilíbrio realmente complicado porque nós precisamos encontrar novas formas de energia, mas isso precisa ser feito de maneiras que minimizem os danos às pessoas envolvidas nessas indústrias e ao meio ambiente.

Mas a menos que nós tenhamos um mundo completamente diferente, sabe, precisamos desses chamados minerais críticos. Então, essa é uma área realmente importante para observar. E também, apenas construindo o que você estava dizendo, Julieta, o Elon Musk definitivamente não é a única pessoa que está olhando para, sabe, obter seu próprio lítio. Então, muitos governos, incluindo o governo do Reino Unido, estão muito determinados no que eles chamam de *onshoring* [terceirização doméstica] da produção de lítio. Então, sabe, minas de lítio estão sendo desenvolvidas em Cornwall e County Durham, que eu acho que é justo dizer que são, sabe, são áreas pós-industriais e são áreas nas quais algumas das injustiças desses tipos de indústrias industriais são, sabe, elas estão lá na memória, digamos assim. Quero dizer, há obviamente diferenças com o triângulo do lítio na América Latina, mas acho que realmente precisamos observar essa área e isso realmente volta para a JRA também, acredite ou não, porque a Comissão Europeia está atualmente avaliando se o lítio deve ser classificado como uma reprotoxina, o que é algo que o governo do Reino Unido essencialmente se recusou a fazer. Então, é isso que eu acrescentaria a isso.

00:31:07 Jennie: Muito obrigado a vocês duas. Isso é realmente fascinante de ouvir. E, claro, veja, o que é realmente evidente nessa parte final da discussão é como, daqui para frente, tanto a população quanto o meio ambiente e o tipo de questões que eles levantam e as ameaças que eles levantam, vão ficar cada vez maiores. E então, é como se, conforme resolvemos um problema, outro surgisse. Bem, foi muito bom ouvir vocês. E antes de irmos, alguém quer acrescentar alguma última palavra ou algo mais? Katie.

00:31:35 Katie: Bom, era apenas voltando à discussão sobre agência. Eu acho que é muito importante olhar para precedentes históricos, especialmente com algo como o que é geralmente chamado de *net zero* no momento, que embora a terminologia possa ou não mudar, mas com a ação climática, eu acho que vale a pena olhar para o que funcionou antes para problemas semelhantes. Quer dizer, talvez não haja nada tão amplo e abrangente quanto a mudança climática, mas, por exemplo, trazer a proibição de fumar em áreas públicas no Reino Unido, surgiu após anos e anos de maior conscientização sobre os efeitos individuais do fumo na saúde. Claro, parte disso não foi abordado porque a indústria do tabaco, que então passou a informar a indústria de combustíveis fósseis, era muito, muito boa em rebater quaisquer alegações sobre os efeitos do fumo na saúde, os efeitos negativos do fumo na saúde. E o que mudou as coisas no final foi uma mudança enorme na narrativa, o que eu acho muito importante levar em consideração. E essa mudança na narrativa foi uma mudança em direção à saúde pública, e era sobre os perigos do fumo passivo. Então isso se encaixou com uma narrativa “oh, é, sabe, a sua escolha individual se

“você quer fumar”. Mas quando se tornou sobre é sua escolha individual fumar, mas você pode estar prejudicando essas pessoas ao seu redor – foi aí que realmente ganhou força. E eu acho que, sabe, essa é uma lição muito importante para lembrar com a ação climática.

00:33:17 Jennie: Totalmente. Concordo totalmente com você. E eu acho que uma das perguntas que tenho muito, que é o que coloquei para Julieta há um tempo, é como mudamos essa narrativa em relação a essas questões que estamos discutindo? Sabe? Como fazemos que as pessoas questionem qual carro estão dirigindo, o tamanho de suas casas, o que estão comendo, sabe, quanta carne estão comendo e os impactos públicos disso? De qualquer forma, muito obrigado a vocês duas. Esta foi uma discussão muito, muito interessante. E, da nossa parte, gostaríamos de agradecer por ouvir e convidá-los a continuar refletindo conosco nos próximos episódios. Essas outras disciplinas e temas nos trarão novas perspectivas sobre os diferentes desafios impostos pelo Antropoceno e as desigualdades na saúde e nas populações humanas e não humanas. Muito obrigado a todos.

00:34:03 Laura: Este episódio foi gravado virtualmente no Reino Unido. Jennie Gamlin conduziu a entrevista e escreveu o roteiro. Laura Montesi emprestou sua voz para os jingles. Gabriela Martinez gerenciou a produção geral e Juan Mayorga cuidou da edição de áudio e da pós-produção. Este podcast é uma colaboração internacional entre a University College London, no Reino Unido, e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, Brasil, e o Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social, em Oaxaca, México.